

Resenha bibliográfica*

Book review

FERNANDEZ, B. (Org.). *Mulheres na história do pensamento econômico*. Florianópolis: Editora Peregrinas, 2022.

Rafael Galvão de Almeida**

Durante muito tempo, a história do pensamento econômico se concentrou no estudo de grandes economistas. Embora seja fato que alguns nomes são mais influentes que outros, muitas vezes a impressão que se tem ao ler certos textos de história do pensamento econômico, especialmente mais antigos, é que certos economistas veem historiadores do pensamento da mesma forma que reis antigos viam os poetas de corte: criadores de narrativas heroicas, nas quais o reino é próspero e alegre, culminando com a vitória após anos de conflito com forças ultrapassadas e maliciosas.

Esse modo de fazer história, baseado nos “grandes homens”, é considerado ultrapassado, porque nos dá uma visão incompleta da história (Burke, 2011). Tal tendência é ainda predominante nos cursos de história do pensamento econômico, dando a impressão de que a disciplina é pouco diversa (Small, 2023). Por isso, vários movimentos surgem na disciplina da história em geral para incluir personagens que a teoria dos grandes homens ignorou – e isso se reflete em iniciativas recentes na história do pensamento econômico.

O feminismo é importante nesse contexto em virtude de suas próprias lutas históricas para dar um lugar às mulheres. Autoras feministas promoveram o conceito de *herstory*. Esse termo é um trocadilho com palavra *history* (história) e busca criticar como a história foi tradicionalmente dominada pelo viés androcêntrico dos “grandes homens”. Isso é

* Submissão: 22/10/2024 | Aprovação: 17/12/2024 | DOI: 10.29182/hehe.v28i1.1012

** Doutor em economia pela Universidade Federal de Minas Gerais, pós-doutorando na Universidade Federal do ABC (UFABC) | ORCID: 0000-0002-3582-9906 | E-mail: rga1605@gmail.com



possível pela presença do pronome masculino *his* no título da disciplina: a história foi uma “história deles”. É claro que a etimologia de *history* não tem relação com o pronome, mas o termo *herstory* é poesia em si, que se aproveita dessa coincidência única da língua inglesa para demonstrar que também existe uma “história delas”. E como já observado por Deirdre McCloskey (1999), falta poesia à economia.

A economia feminista procurou introduzir essas preocupações entre os economistas, com a publicação de Ferber e Nelson (1993) e a fundação do periódico *Feminist Economics*,¹ em 1995. Na história do pensamento econômico, a economia feminista incentiva investigar o papel das mulheres na formação do pensamento econômico, também a partir da década de 1990, com os trabalhos de Michèle Pujol. Digno de nota é o *Biographical dictionary of women economists* (Dimand *et al.*, 2000), que lista mais de uma centena de entradas de mulheres que contribuíram ao pensamento econômico. O dicionário lista majoritariamente mulheres de países anglo-saxões, mas se preocupa em incluir economistas de outros países – Maria da Conceição Tavares é a única representante brasileira.

Por ser um país periférico, economistas brasileiros não tendem a ser amplamente estudados na história do pensamento econômico, o que faz com que suas economistas possam ser ainda menos estudadas. Mas existe um interesse em economia feminista na ciência econômica brasileira, como demonstrado por artigos bibliométricos (Antonette; Rohenkohl, 2020; Bohn; Catel, 2023).

Por isso, o volume organizado por Brena Magna Fernandez, *Mulheres na história do pensamento econômico*, é uma importante contribuição à história do pensamento econômico de língua portuguesa, pois é a primeira *herstory* escrita por autoras brasileiras. Nesse volume, as autoras buscam introduzir o conceito de *herstory*, ao demonstrar como as mulheres sempre estiveram na história do pensamento econômico, assim como em outros ramos de pesquisa histórica. Esse é o ponto do prefácio, por Brena Magno Fernández, e da introdução, por Liana Bohn, ambas fundadoras do Núcleo de Estudos em Economia Feminista, da Universidade Federal de Santa Catarina.

¹ Disponível em: <<https://feministeconomics.net/>>.

O problema da invisibilidade das mulheres na história da ciência (econômica) tem suas origens exatamente nesse viés androcêntrico da história. Para, então, promover entre os economistas brasileiros essa visão alternativa, Fernandez escreve no prefácio que o livro serve como uma introdução a três linhas de estudos para adereçar o problema da invisibilidade: discussão do papel do gênero na economia, razões para o pouco interesse em investigar questões tipicamente femininas na economia e a invisibilidade das mulheres economistas na história da disciplina, com o volume se focando na última linha.

Se a invisibilidade não significa inexistência, como as mulheres existem na história do pensamento? Na introdução, Bohn usa a metáfora do rizoma, introduzida por Felix Guattari e Gilles Deleuze. O rizoma é um tipo de caule que, ao invés de crescer verticalmente como uma árvore, cresce horizontalmente, junto ao solo. Escritores feministas usam a metáfora para se referir à presença das mulheres, pouco visíveis diretamente, mas fazendo parte da sustentação do sistema. A primeira onda do rizoma feminino está no Iluminismo europeu do século XVIII – enquanto homens emancipavam sua filosofia da religião e monarquias absolutistas, as mulheres não desfrutavam dos mesmos privilégios. Pelo contrário, apoiando-se no argumento de Silvia Federici, é possível dizer que houve um afastamento ainda maior das mulheres dos centros de decisão e criminalização de métodos contraceptivos, para servirem às necessidades de gerar o insumo trabalho para a expansão do capitalismo; a divisão do trabalho, tão amada por Adam Smith e seus herdeiros ingleses, significou a especialização das mulheres em afazeres domésticos. Nesse contexto, certas autoras denunciaram a injustiça do sistema, como Olympe de Gouges e Mary Wollstonecraft, e começaram a primeira onda feminista, que também tem participação das “mães da economia”, como Priscilla Wakefield, Jane Marcet, Harriet Taylor, Harriet Martineau, entre outras. Mais tarde, no final do século XIX, quando a economia se tornou ciência positiva e, supostamente, forneceu um indivíduo vazio de gênero, movido apenas por rigorosa racionalidade – o *Homo economicus* –, foi algo que ocorreu durante a popularização do movimento pelo sufrágio feminino e, assim, por demandas de maior participação das mulheres na sociedade. Nesse momento, o rizoma feminista se choca com a proposta de neutralidade e positivismo da teoria econômica neoclássica, pois um dos pontos

da economia feminista é demonstrar que o *Homo economicus* é uma construção contaminada pelo viés androcêntrico (Grecco, 2018). Porém, os rizomas feministas também têm a capacidade de avançar no solo neoclássico, sendo um exemplo importante os vários estudos sobre o baixo acesso feminino ao mercado de trabalho que usam o instrumental neoclássico. Assim, a introdução apresenta a metodologia a ser utilizada nas partes seguintes.

A primeira parte consiste de três capítulos focados em como as mulheres estavam presentes nos escritos dos economistas clássicos e neoclássicos. Novamente, elas têm uma presença invisível nesses escritos

O capítulo “O papel das mulheres no contexto do pensamento econômico clássico e neoclássico”, de Marilane Oliveira Teixeira, investiga como o espaço feminino evoluiu nas principais teorias econômicas. A separação entre esferas pública e privada pela teoria neoclássica foi um desenvolvimento em relação à teoria clássica, que permite uma análise econômica rigorosa, focada na escassez. Isso, porém, separa as esferas de trabalho entre público e privado, focando-se menos na reprodução social do processo de acumulação e produção da esfera privada, onde o trabalho feminino tem maior presença. Adam Smith é considerado o “Adão econômico”, no sentido de iniciar a economia política como um projeto científico, mas ele escreveu pouco sobre o papel das mulheres. Smith se focou apenas na análise econômica do espaço público e da produção, relegando às mulheres o papel de educadoras e administradoras do lar, e que deviam ser parcimoniosas, especialmente ao criar filhos (o que culpa mulheres mais pobres com filhos numerosos).

As ideias de Adam Smith sobre a natureza do trabalho eram predominantes e, por isso, foram objeto de crítica pelas primeiras autoras feministas. Priscila Wakefield o criticou por ignorar o valor do trabalho das mulheres e ignorar o porquê de as mulheres serem excluídas dos empregos mais lucrativos. Harriet Taylor criticou a exclusão das mulheres do mercado de trabalho. Julie Victoire Daubié recomendou a equiparação de salários e direitos entre homens e mulheres.

A economia neoclássica mudou o foco da análise econômica. A ideia de *Homo economicus* é aplicada a diferentes contextos, incluindo a economia doméstica (ver a teoria de capital humano, de Gary Becker). Com sua ênfase na harmonia racional, a economia neoclássica, na visão femi-

nista, tende a validar o capitalismo e ignorar a relevância das relações socioeconômicas de poder, incluído classe, raça e gênero, que é um dos fundamentos do feminismo, tornando-o desnecessário em um mundo teórico harmonioso. Essas colocações são evidentes nos escritos de um dos pais fundadores do neoclassicismo, Alfred Marshall. Ele repete a visão smithiana de mulheres como cuidadoras do lar e reprodutoras, sendo atribuição do governo garantir o bem-estar feminino focado no trabalho doméstico, para que as mulheres não negligenciem, ou até mesmo matem seus filhos enquanto buscam empregos. Teixeira conclui que tanto clássicos quanto neoclássicos negligenciaram as mulheres e que a economia feminista se desenvolveu como resposta a essa negligência.

Já Laura Valladão de Mattos enfoca as visões de John Stuart Mill sobre as mulheres em “O envolvimento de John Stuart Mill na luta pela emancipação das mulheres”. Como o título diz, Mill rejeitou as ideias androcêntricas e misóginas da Inglaterra vitoriana, tornando-se possivelmente o mais importante homem economista defensor da causa feminina de sua época. Ele promoveu a igualdade de gênero não só nos seus escritos, mas também como membro do parlamento inglês. Descreveu a situação das mulheres no casamento como escravidão, devido à sua situação de dependência legal e financeira em relação aos seus maridos, além da negligência da legislação contra a violência matrimonial. Fez discursos sobre a necessidade das mulheres de manterem e adquirirem propriedade após se casarem e o direito de se divorciarem. Mill também buscou demonstrar que, utilizando fundamentos de economia política, a abertura do mercado de trabalho às mulheres seria benéfica à nação. Criticou as leis sobre doenças contagiosas, apontando que elas apenas puniam e degradavam mulheres trabalhadoras sexuais, e que seus clientes masculinos não sofriam nenhum tipo de punição. Por fim, ele foi um defensor tenaz do sufrágio feminino. Mill emerge como um homem não interessado em falar pelas mulheres, mas em criar um ambiente no qual a fala feminina pudesse ser considerada igual, ter o mesmo peso que a fala masculina, em prol de uma sociedade melhor.

Margarida Olivera e Brena Fernandez escrevem o capítulo “A questão da mulher em Marx, seus problemas e a contribuição das feministas marxistas ao debate”. Uma parte importante do discurso feminista é profundamente influenciado pelo materialismo histórico proposto por Karl Marx

e sua crítica à economia política burguesa ou vulgar – especialmente feministas como Silvia Federici, cuja teoria foi citada anteriormente. Apesar disso, questões da causa feminina estão também relativamente ausentes em seus escritos. Neles fica claro, porém, que os esquemas de reprodução social capitalistas ignoram o trabalho doméstico das mulheres. Marx, assim como Friedrich Engels, também apoiava a emancipação feminina, considerando-a como parte importante da formação de consciência de classe. Engels, em particular, procurou entender a fundação do patriarcado em *Origens da família, da propriedade privada e do Estado*, argumentando que a emergência da propriedade privada estava intimamente relacionada à supressão das mulheres.

O feminismo marxista cria uma gama variada de abordagens. O feminismo operário, que inclui além de Federici, Mariarosa Dalla Costa e Alisa Del Re, busca dar salários às donas de casa; elas argumentam que o contrato de trabalho entre trabalhadores e capitalistas é espelhado no contrato sexual de homens e mulheres, em que as mulheres precisam abrir mão de seu direito de subsistência. Assim, apenas os homens são pagos e o trabalho doméstico feminino é incorporado ao mais-valor explorado pelos capitalistas. Por isso, a demanda por salários domésticos tem o objetivo de chamar a atenção à estrutura exploratória conjunta do capitalismo e do patriarcado e de como o sistema econômico só pode ser sustentado por trabalho não remunerado.

Outra abordagem do marxismo feminista é a da tese dos sistemas duplos, com Heidi Hartmann. Elas se focam no fato de que a sociedade atual está organizada em sistemas-base tanto capitalistas quanto patriarcais e creem que o marxismo clássico não dá a devida atenção a esse fator. O marxismo ainda estaria contaminado pela visão positivista da economia política clássica, focando-se mais em conceitos de harmonia e redução das relações humanas ao econômico (economicismo), representado pelo modo como aguarda a formação de uma consciência de classe que emerge “acima” dos problemas sociais. Posteriormente, o racismo foi adicionado como terceiro sistema.

A tese dos sistemas triplos foi criticada porque, apesar de analisar as fundações da opressão, não garante que uma consciência de classe possa emergir, se as diferenças de níveis de opressão forem muito profundas. Para isso, foi proposta a teoria de reprodução social (TRS), como Lise

Voguel. A TRS busca elaborar uma teoria unitária, que possa produzir um entendimento agregado das diferentes formas de opressão na sociedade, evitando separações entre os participantes. O seu foco é, novamente, a força de trabalho, que pode ser produzida de forma privada (âmbito doméstico) ou social (mercado de trabalho), e como o social depende do privado para gerar mais-valor. Para superar isso, é necessário incluir ambas as esferas.

A segunda parte do livro cobre os escritos das mulheres economistas, especialmente as que escreveram no século XIX. Se Adam Smith foi o “Adão da economia”, é natural termos “Evas da economia”.

Bohn e Fernandez escrevem o capítulo “Jane Marcet e Harriet Martineau: as pioneiras da economia política clássica e o uso da literatura para a divulgação científica”. Como o título diz, as autoras demonstram como Marcet e Martineau foram as primeiras mulheres a se dedicarem à economia política.

Marcet foi educada em casa, financiada por seu pai, um banqueiro. Com a morte da mãe, aos 15 anos, teve que assumir a criação dos seus irmãos e se casou aos 30 anos. Sua principal contribuição foram seus livros de divulgação científica, que buscavam traduzir discussões científicas a uma linguagem acessível. De certa forma, seu *Conversation on political economy* pode ser considerado um ancestral de *Freakonomics*. Por meio de diálogos ficcionais entre professores e alunos, Marcet dizia em linguagem simples e personagens cativantes o que Ricardo, Mill, entre outros, diziam com prosa técnica. Ela foi responsável pela ampliação da disciplina a um público maior, sem ter que recorrer à “decoreba”, mas procurando fazer com que os leitores entendam a economia. Marcet, porém, não escreveu sobre aquilo que podemos chamar de economia feminista; seu comprometimento era em divulgar a economia clássica da época. Seus escritos enfatizam conceitos como a harmonia do sistema econômico. Porém, ao ser uma das economistas mais lidas do segundo quartel do século XIX na Inglaterra, ela rompe com os preconceitos da sociedade inglesa e faz contribuições importantes à arte de contar histórias econômicas.

Da mesma forma, Harriet Martineau também nasceu em uma família privilegiada e pôde receber uma educação de qualidade. Da mesma forma que Marcet, Martineau também escreveu livros de divulgação científica. Diferente de Marcet, por outro lado, Martineau se preocupou

com questões de gênero. Em particular, ela se dedicou a demonstrar como a crença comum da época, de que mulheres não conseguiam aprender no mesmo ritmo que homens, era equivocada, e argumentou que o serviço doméstico era análogo à escravidão. Sua série *Illustrations on political economy* alcançou 25 volumes e transmitia as ideias dos economistas políticos em linguagem acessível, até tendo como alvo a classe trabalhadora, que estava começando a se interessar cada vez mais por novelas. Da mesma forma, *Poor Laws and Paupers Illustrated* e *Illustrations of Taxation* dissertavam sobre assuntos políticos relevantes (reforma da Lei dos Pobres e impostos), buscando informar a população em geral sobre os impactos econômicos e erros de política pública. Em 1834, seus escritos venderam mais de 10 mil exemplares, tornando-a uma escritora *best seller* e uma intelectual pública. Mesmo assim, como Bohn e Fernandez concluem, elas podem muito bem ter escolhido a via literária da economia porque as universidades estavam vedadas a elas. Elas, de fato, estavam excluídas dos centros de debate teóricos, mas sua habilidade com as palavras garantiu que essas ideias não ficassem restritas às páginas de tratados ou notas de aulas.

Por fim, no último capítulo, “Barbara Bodichon e Jessie Boucheret: as economistas invisíveis de Langham Place e suas propostas de resolução dos problemas econômicos das mulheres do século XIX”, Brena Fernandez e Raíssa Vieira de Melo dissertam sobre o papel do *Langham Place Group* – um grupo de mulheres de elite inglesas, com suas representantes mais conhecidas sendo Barbara Bodichon e Jessie Boucheret – na promoção dos direitos das mulheres no século XIX. A ação do Langham Place expõe a misoginia institucionalizada da Inglaterra do século XIX, ao classificar as mulheres não casadas (mulheres acima de 25 solteiras ou viúvas) de “supérfluas”. Devido à limitação de direitos, a mulher tinha apenas a função de dona de casa e educadora de filhos, e uma mulher que não cumprisse essa função era vista como uma mulher que consumia mais recursos do que deveria. Sobravam apenas poucos empregos que as contratariam, puxando seus salários para baixo. Esse foi um dos principais tópicos discutidos no Langham Place, como acabar com o estigma contra um grupo inteiro.

Bodichon nasceu em uma família de políticos. Apesar de ser filha ilegítima, ela recebeu proventos o suficiente para ter uma educação de

qualidade e desenvolver seu pensamento crítico. Ela participou da fundação de escolas para mulheres e vários empreendimentos do Langham Place para facilitar o acesso de jovens mulheres à educação, incluindo o periódico *English Woman's Journal*. Sua amiga Jessie Boucherot também veio de família abastada e participou do Langham Group, contribuindo com artigos para os periódicos do grupo (incluindo a fundação do *Englishwoman's Review*, que sucedeu o primeiro periódico) e promovendo a *Society to Promote Employment for Women* e a participação política, como na petição pelo sufrágio feminino de 1865.

Assim, o livro é uma contribuição importante à história do pensamento econômico em português por ser sua primeira *herstory* publicada na língua. Ela enfoca a fundação da economia política inglesa, que é o fundamento de todo o edifício econômico que temos atualmente. As mulheres cujas histórias foram contadas no livro tiveram que lutar contra uma sociedade extremamente misógina como era a Inglaterra do século XIX: a nação mais desenvolvida do seu tempo considerava as mulheres como cidadãs de segunda classe, devido às várias limitações legais e sociais impostas a elas. Foi nesse contexto que a primeira onda do movimento feminista emergiu, inclusive na economia, inicialmente envolvendo mulheres de origens abastadas que, mesmo assim, sofriam com a opressão e, com o apoio de homens (como Mill), que viam essa opressão incompatível com uma sociedade ideal, tinham interesse em estender a luta por direitos para todas as mulheres de seu país.

Lendo os relatos não se pode tirar da mente se a obsessão da sociedade inglesa com a divisão do trabalho e especialização de tarefas promovida pelo estilo de economia política defendido por Adam Smith era um fator importante na manutenção do patriarcado inglês. De fato, uma das críticas que pode ser feitas ao livro é que um capítulo ou nota sobre a história social e econômica da Inglaterra do século XIX seria útil, pois as preocupações com a falta de direitos e a dependência econômica das mulheres é um tema que liga todos os capítulos, mas o livro é composto como se o leitor já estivesse ciente da extensão do problema.

Apesar disso, o livro é de leitura agradável. Ele permite a introdução de vários conceitos que são discutidos há décadas no movimento feminista e de tópicos de economia feminista ao leitor, demonstrando a importância das mulheres que foram invisibilizadas na alvorada da teoria

econômica. Esse, porém, não é uma *herstory* do pensamento econômico em português, mas uma *herstory* em português desses desenvolvimentos iniciais. Por isso, um dos maiores méritos do livro é ser um “incentivo à imaginação”, dar fundamentos a pesquisas futuras no Brasil e na comunidade de países de língua portuguesa para que futuras *herstories* possam ser escritas.

Referências

ANTONETTE, A. K.; ROHENKOHL, J. E. Origens e influências da economia feminista: uma análise bibliométrica e de conteúdo. *Textos de Economia*, v. 23, n. 1, p. 1-28, 2020.

BOHN, L.; CATEL, E. Y. A. S. A presença da Economia Feminista na Ciência Econômica brasileira: avaliação da produção acadêmica na área entre 1990 e 2015. *Economia e Sociedade*, v. 32, n. 3, p. 691-718, 2023.

BURKE, P. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 2011.

DIMAND, R.; DIMAND, M. A.; FORGET, E. L. (Org.). *A biographical dictionary of women economists*. Cheltenham: Edward Elgar, 2000.

FERBER, M. A.; NELSON, J. A. (Org.). *Beyond economic man: feminist theory and economics*. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

GRECCO, F. S. O viés androcêntrico da ciência econômica e as críticas feministas ao *Homo economicus*. *Temáticas*, v. 26, n. 52, p. 105-134, 2018.

MCCLOSKEY, D. N. *Economical writing*. Long Grove: Waveland Press, 1999.

SMALL, S. F. Infusing diversity in a history of economic thought course: an archival study of syllabi and resources for redesign. *Eastern Economic Journal*, v. 49, p. 276-311, 2023.